

ARTESANATO PROFISSIONAL E DE REFERÊNCIA CULTURAL COMO ALTERNATIVA PARA O ENSINO DA ARTE

MISSIRIAN, Magno - UNIGRAN
magnomissirian@yahoo.com.br

Área Temática: Educação: Teorias, Metodologias e Práticas
Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Resumo

Mato Grosso do Sul é um Estado novo e rico em diversidade cultural, porém, sua identidade ao que parece, ainda está sendo traçada. A educação da Arte no Estado e, especificamente, em seus municípios, passa a ter um papel primordial para definir esses traços que contribuirão de maneira substancial para esta identidade. Uma geração de participação na expressão, registro e memória de sua cultura. Dentro desse contexto, este trabalho teve por objetivo oferecer alternativas de como desenvolver em sala de aula um trabalho específico e, sobretudo, diferenciado, no que se refere ao fazer artístico ligado à cultura local, contribuindo não só para a formação do aluno, mas procurando sensibilizá-lo de seu papel como agente transformador da sociedade de forma sustentável e profissional. Para tanto, um questionário inicial foi aplicado aos alunos e professores de Artes do nível fundamental e médio, do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul (CEEJA), em Dourados, MS, em junho de 2007, com o intuito de identificar suas concepções sobre o artesanato de referência cultural gerador de renda. Posteriormente, foi desenvolvido um minicurso e, ao finalizá-lo, o questionário foi reaplicado aos alunos e professores de Artes para avaliar os conceitos apreendidos. Ainda há muito por consolidar em nosso Estado e de modo particular em Dourados. Portanto, o Educador em Artes deve ficar atento às decorrentes necessidades contemporâneas, para fortalecer cada vez mais o ensino da arte, e quem sabe como solo fértil, despertar nos alunos pelas atividades teóricas e também práticas, alternativas sustentáveis de prosperidade no “fazer artístico” por intermédio de um artesanato que tenha uma identidade cultural. Desta forma, Proença (2000), Richter (2003) e Sigrist (2000) contribuíram significativamente para fundamentar esta pesquisa.

Palavras-chave: Educação; Geração de renda; Sustentabilidade.

Introdução

No Brasil, ao longo do século XX, nem sempre a arte tornou-se conhecida pelos alunos do Ensino Médio, talvez pelo próprio descaso de muitos educadores. Nas últimas décadas, há algumas tentativas de melhoria do trabalho educativo em Arte nas escolas médias brasileiras, mas, foi no início da década de 80, que o ensino e aprendizagem de arte assumiram um novo posicionamento, para que se tornasse um conhecimento cada vez mais fortalecido na educação (BRASIL, 1999).

Nesse sentido, a arte no Ensino Médio passou a significar aos alunos a apropriação de saberes culturais e estéticos inseridos nas práticas de produção e apreciação artísticas, fundamentais para a formação e o desenvolvimento cultural social do cidadão (BRASIL, 1999).

Uma das particularidades do conhecimento em Arte está no fato de que, nas produções artísticas, um conjunto de idéias é elaborado de maneira sensível, imaginativa, estética, por seus produtores, exigindo para sua concretização que aprendam a trabalhar essas combinações, reelaborações imaginativas – criativas, intuitivas, estéticas – a partir de diversos elementos da experiência sensível da vida cotidiana e dos saberes da natureza, da cultura, da história, de seus contextos. E, à medida que os alunos participam de processos de ensino e aprendizagem criativos que lhes possibilitem continuar a praticar produções, o sentido cultural vai se desvelando, favorecendo sua contextualização no âmbito regional (BRASIL, 1999, p. 171).

Desta forma, pretende-se por meio deste trabalho, que o ensino da arte possa contribuir não só com o desenvolvimento humano, mas inserir valores culturais nos produtos artísticos e/ou artesanais elaborados, tendo em vista o desenvolvimento social, profissional, econômico e cultural do Estado de Mato Grosso do Sul.

Em tempos capitalistas nos quais vivemos, a sociedade passa por desigualdades incalculáveis. Os avanços tecnológicos e a falta de capacitação profissional agravam ainda mais este problema. Mato Grosso do Sul não está longe desta realidade, mas possui uma vantagem, é um Estado novo e rico em diversidade cultural, porém, sua identidade ao que parece, ainda está sendo traçada.

A educação da Arte no Estado e, especificamente, em seus municípios, passa a ter um papel primordial para definir esses traços que contribuirão de maneira substancial para esta identidade. Uma geração de participação na expressão, registro e memória de sua cultura.

Atualmente, educadores de todos os cantos do mundo se preocupam em responder perguntas básicas que fundamentam sua atividade pedagógica: “Que tipo de conhecimento caracteriza a arte?”, “Qual a função da arte na sociedade?”, “Como se aprende a criar, experimentar e entender a arte e qual a função do professor nesse processo?” (BRASIL, 1997, p. 24).

Nem sempre o educador obtém respostas ou está preparado para estas perguntas, e tampouco está preparado para lidar com possíveis deficiências em sua formação. Assim, com a falta de capacitação e valorização do seu trabalho, e somente com a formação (muitas vezes

só acadêmica), entra num ciclo desanimador, comprometendo o desenvolvimento de suas habilidades e competências. Assim, de uma forma específica e regionalizada, propõe-se ao educador pesquisar, juntamente com seus educandos, a cultura familiar e a cultura popular local para detectar e reunir subsídios que poderão ser utilizados como auxílio nas propostas pedagógicas.

O Educador em Arte, mais do que seguir as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), precisa perceber que pode ser agente transformador de competência educacional para o fortalecimento da ação protagonista e empreendedora; perceber também o conteúdo vasto que tem ao seu entorno, e que aí está uma alternativa de atividades teóricas e também práticas a serem desenvolvidas dentro e fora de sala de aula.

Dentro desse contexto, este trabalho teve por objetivo oferecer alternativas de como desenvolver em sala de aula um trabalho específico e, sobretudo, diferenciado, no que se refere à cultura local, contribuindo não só para a formação e alternativa profissional do aluno, mas procurando sensibilizá-lo de seu papel como agente transformador da sociedade.

Material e Métodos

A pesquisa foi descritiva e exploratória. Para tanto, um questionário inicial foi aplicado aos alunos e professores de Artes do nível fundamental e médio, do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul (CEEJA), em Dourados, MS, em junho de 2007, com o intuito de identificar suas concepções sobre artesanato profissional.

Posteriormente, foi desenvolvido um minicurso, que abordou conceitos de artesanato, produtos de referência cultural, *designer* de produtos, valores agregados e matérias-primas a serem utilizadas. Como material de apoio foi elaborada uma apostila intitulada: Artesanato Profissional. A definição e classificação artística de Mato Grosso do Sul também foi apresentada utilizando o catálogo de produtos do artesanato de Mato Grosso do Sul (VINACCIA, 2002).

Ao finalizar o minicurso, o questionário foi reaplicado aos alunos e professores de Artes para avaliar os conceitos apreendidos.

Resultados e Discussão

O questionário inicial foi aplicado para 16 alunos e dois professores de Artes, sendo que apenas um professor o devolveu. A maioria dos alunos era do sexo feminino e a faixa etária entre 16 a 48 anos. Após o minicurso, o mesmo questionário foi reaplicado, tendo participado 12 alunos e um professor. As questões foram avaliadas quantitativa e qualitativamente, como segue abaixo.

Na questão 1, Você já ouviu falar em artesanato profissional?, 81% (n=13) dos alunos responderam sim e 19% (n=3) responderam não. Contudo, do total de alunos que afirmou ter ouvido falar sobre artesanato profissional, 62% (n=8) justificaram, associando-o a: meio de sobrevivência (como os artesãos de Embu das Artes, em SP), telas, cerâmica, crochê, rendas, pátinhas em madeira, dança, profissão, chinelos e mesas. Quanto ao professor, este associou a Cerâmica (índios Kadwéu) e Cestaria (índios Terena).

No questionário final, a mesma questão, 100% (n=12) dos alunos responderam sim, ou seja, que já ouviram falar em artesanato profissional, inclusive o professor, sendo que 58% (n=7) justificaram. Algumas das justificativas foram: “É artefatos realizados manualmente e/ou com utilização de meios tradicionais.”; “É um artesanato que serve para gerar renda [...]”; “O objeto produzido pelo artesão tem uma utilidade pratica no seu cotidiano, seja p/ fim doméstico de trabalho ou religiosos.”; “Em artesanato com areia e cerâmica.”; “Os artesãos de “Embú das Artes” trabalham com madeira, couro, folhas de palmeiras sementes de árvores.” E o professor mencionou: “são objetos produzidos pelo artesão”.

Em pouco tempo de orientação, pôde-se notar diferenças nos conceitos apreendidos, pois os alunos começaram a reconhecer o significado do artesanato profissional. Isso mostra que a realidade do aluno embora “defasada”, anseia pelo novo, por novas experiências, e o conhecimento é de fato a maior via para os saberes e os fazeres. Assim também será se o artesanato for oferecido como alternativa profissional, tendo como referência o artesão/produtor de outros períodos da história, que utilizou do ofício das artes para prosperar, além do conhecimento de que:

O "fazer artesanal" é o precursor de processos industriais, trazendo no seu âmago tradição e inovação, preservando a memória e, ao mesmo tempo, promovendo mudanças contínuas no modo de viver. Possuindo elevado potencial de ocupação e geração de renda em todos os Estados, "o fazer artesanal" posiciona-se como um dos eixos estratégicos de valorização e desenvolvimento dos territórios, razão pela qual vem ganhando destaque crescente no conjunto das estratégias de atuação empreendidas tanto pelo setor público quanto pelo privado (SEBRAE, 2004?, p. 15).

O aluno do Ensino Médio é o que se encontra mais próximo deste perfil devido às próprias aspirações da idade e às necessidades de um trabalho para gerar renda familiar ou pessoal, embora isso possa ser manifestado desde as séries iniciais ou como nos estudos de Richter (2003), nas séries finais do ensino fundamental, com experiências estéticas em sala de aula que associaram a estética do cotidiano e as práticas artísticas com a arte de artistas contemporâneos que utilizam o mesmo tipo de referencial de trabalho em suas produções.

Além disso, tanto o professor de Artes como os alunos também devem compreender que "a arte está presente na sociedade em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades; o conhecimento em artes é necessário no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos" (BRASIL, 1997, p. 20).

Na questão 2, O artesanato é diferente ou igual a trabalhos manuais? Como você definiria cada um?, 38% responderam que é diferente, entretanto apenas um aluno "definiu": "Porque pode-se usar muitas variedades de materiais no artesanato como fibras de folhas de palmeiras." Por outro lado, 62% dos alunos acreditam que artesanato profissional é igual a trabalhos manuais porque são feitos com as mãos, usam a mesma cultura, a mesma forma ou podem ser vendidos. Destes, 30% não apresentaram definições. Quanto ao professor, ele acredita que é diferente, mas não definiu, nem exemplificou.

O questionário final revelou que, após o minicurso, 50% dos alunos expressaram que o artesanato é diferente dos trabalhos manuais, ressaltando que este último utiliza-se de moldes, receitas e material industrializado e o artesanato de matéria-prima quase sempre extraída da natureza, sem nenhum processo de industrialização, sendo modificada pelas mãos do artesão que o transforma em utilitários. Para o professor, o artesanato também é diferente de trabalhos manuais, estando o primeiro relacionado à criação própria do artesão, com referência cultural e, o segundo, a produtos que são produzidos para venda sem relação com a cultura.

Tais resultados indicam que tanto alunos como professores, após o minicurso, aproximaram-se dos conceitos apresentados pelo Programa Sebrae de Artesanato (CALDAS,

1999?, informação oral)¹, ou seja, todo objeto confeccionado por uma pessoa ou pequeno grupo, com características domésticas, cuja função é utilitária. O objeto produzido pelo artesão tem uma utilidade prática no seu cotidiano, seja para fins domésticos, de trabalho ou religiosos (SIGRIST, 2000, p. 77). Também é toda atividade produzida de objetos e artefatos realizados manualmente, ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, apuro técnico, engenho e arte.

Contudo, ele não deve ser confundido com o **Artesanato Tradicional** que é baseado na produção familiar ou pequenos núcleos que possibilita a continuação de técnicas, processos e desenhos originais expressivos da cultura local e representativo de suas tradições. Sua importância e valor cultural decorrem do fato de ser depositária de um passado e acompanhar histórias transmitidas de geração em geração. Esse artesanato é considerado pelo seu valor cultural fazendo parte da riqueza de uma nação.

Já os **Trabalhos manuais** são, em geral, produtos de uma estética ingênua que se utilizam moldes e padrões veiculados por revistas dedicadas aos trabalhos manuais, com receita e material industrializado² para seu desenvolvimento. Seu valor enquanto mercadoria não está relacionada aos aspectos culturais relevantes, portanto o produto é de baixo valor agregado não retratando a região onde é produzido.

Assim, constata-se que é possível no decorrer da disciplina ministrar um conteúdo que servirá de base para as manifestações artísticas, criações e produções de artefatos, pois:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida (BRASIL, 1997, p. 21).

Na questão 3, O que significa produzir objetos de referência cultural?, 44% dos alunos responderam corretamente, ou seja, que tem relação com a cultura da cidade, do estado ou do país como, por exemplo, cultura indígena e, 25% citaram erroneamente, como: enfeites que têm na rua, balaios, quadros pintados ou esculpidos e que produzir significa criar ou inventar algumas coisas pelo homem. No questionário final, o percentual de acertos alcançou 75%. Em ambos os questionários, o professor associou a cultura local.

¹ Palestra proferida por Patrícia Cerqueira Caldas em Campo Grande, em março de 1999?.

² Material esse que pelo processo industrial se descaracteriza do natural, contendo elementos artificiais, químicas e de produção.

Isto evidencia que o educador pode desenvolver em sala de aula pesquisas com seus alunos para obterem referenciais e resgatar subsídios fundamentais para que (os alunos) possam cada vez mais sentir-se parte desta evolução criadora no fazer artístico, resgatando e valorizando suas origens num processo de “inculturalidade própria”.

A experiência estética em sala de aula deve ser pensada como uma performance, que se desdobra em múltiplos questionamentos, como experiência e desafio para os(as) professores(as) e os(as) alunos(as) envolvidos(as), pois, como dizem Suzan Cahan e Zoya Kocur (1996), o que geralmente falta na arte-educação intercultural é um enfoque que conecte a experiência do cotidiano, a crítica social e a expressão criativa (RICHTER, 2003, p. 135).

Deve-se optar, então, por uma metodologia de trabalho que trate a arte como área do conhecimento a ser explorada, buscando trabalhar os aspectos cognitivos aliados ao fazer artístico, partindo do “contexto cultural” e estético oferecido por cada aluno. Desse modo, os professores necessitam de um conhecimento prévio do contexto local a respeito das práticas sociais e culturais vivenciadas pelos seus alunos em suas famílias. Por isso, conhecer definições é parte integrante do processo, tais como as estabelecidas pelo Programa Sebrae de Artesanato (CALDAS, 1999, informação oral)³, como a **Arte Popular** que são produtos que definem o padrão cultural de uma região. O compromisso dos artesãos é consigo mesmo e não com o mercado. Produzem objetos relacionados ao seu entorno, contando lendas, folclore, natureza e cultura. E ainda segundo SIGRIST (2000, p. 77), “a arte popular é produção espontânea do artista que desconhece as regras e conceitos de arte, estabelecidas por Instituições, empregando o seu padrão ideal de beleza, cuja função é decorativa.”

O **Artesanato de Referência Cultural** é em geral resultante de artefatos que agregaram valores distintos, particulares de suas culturas e que identificam sua origem (sejam estereotipadas ou não). O aspecto cultural representado no artesanato é um diferencial que o valoriza. Utilizam-se de símbolos e imagens típicas da região onde são produzidos, assim como das técnicas tradicionais quando muito, acrescidas de certas inovações tecnológicas algumas vezes orientadas por *designers*, com o objetivo de diversificar os produtos com ares de “moderno”, porém, preservando seus traços tradicionais mais representativos apenas com o objetivo de dinamizar a produção, sem contudo descaracterizá-los.

³ Palestra proferida por Patrícia Cerqueira Caldas em Campo Grande, em março de 1999?.

Os produtos de referência constituem-se, em sua maioria, de produção geradora de emprego e renda com tendências de organizações em grupo: Núcleos de Produção, Cooperativas, Fundações, Entidades beneficentes, Organizações Não Governamentais (ONGs), Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs). A consolidação em grupos será uma tendência no artesanato, uma vez que este contexto social também serve de referência e agrega valores ao produto. A preocupação destes artesãos/produtores está em identificar demandas de mercado no sistema “globalizador” para divulgação das suas raízes de maneira sustentável.

Na questão 4, Que referências culturais de Dourados podem ser usadas para produção de artesanato?, 69% dos alunos responderam, sendo que: 36% (n=4) citaram os índios como possibilidade de referência cultural de Dourados; 27% (n=3) o tereré; 18% (n=2) os animais; 9,5% (n=1) casas, igreja, gado, barro, bambu, palha, telas e pinturas à mão e 9,5% (n=1) acreditam que a cidade de Dourados não tem referência cultural. O professor respondeu: “cerâmica (Mestre Silso), Cestaria e Areia (Magno) - revestimento”.

No questionário final, um percentual significativo (42%) não respondeu à questão quatro. Contudo, dos alunos que responderam (58%), as respostas foram agrupadas em: 57% (n=4) mencionaram a cultura indígena, tais como, arco e flecha, casas de sapé, cocar e pinturas indígenas; 43% (n=3) o peixe, compreendendo, couro e pesca, e 14% (n=1) agricultura, argila, tereré, mandioca, igreja matriz, árvores e mistura de pessoas de outros estados. O professor citou novamente o Mestre Silso e acrescentou vasos de cerâmica com a pintura de símbolos indígenas.

Em ambos os questionários (inicial e final), os resultados evidenciam que tanto para os alunos como para o professor, a cultura indígena pode ser considerada uma referência cultural significativa de Dourados. Contudo, será que alunos e professor conhecem os elementos culturais de cada aldeia indígena? Pois estas passam por um processo de desculturalismo e já não trazem mais tão nítidas suas próprias manifestações, sejam elas de culto ou artística. Ou os índios foram citados porque estão à porta das casas, nas ruas e na mídia, sendo presença “desfigurada” no dia-a-dia de Dourados, principalmente pela divulgação de notícias negativas? Pois o que se sabe é que eles foram “civilizados” e estão perdendo suas referências, suas raízes.

No questionário final, percebeu-se que os alunos conseguiram identificar elementos da cultura existentes na cidade, o que sugere ao professor/educador o papel de despertar-se e

despertar seus alunos para reconhecerem tais elementos, pois o município de Dourados não pode ser visto de forma isolada. Ele está inserido numa região com mitos e tradições que oferece uma paleta de opções e inspiração pelas formas, cores e matérias-primas, além de várias influências culturais, como as indígenas Terenas, Kadiwéu e Guarani-Kaiowá, e Paraguaia nas suas mais diversas manifestações e expressões.

Quando é citado o peixe como uma referência para Dourados está intimamente ligado ao nome da cidade e às atividades “intencionais” realizadas no município que buscam evidenciar a pesca ou o peixe como destaque simbólico, um ícone para a cidade.

Vale ressaltar um projeto de pesquisa realizado por Vinaccia (2002) que selecionou símbolos e cores para traduzir melhor o nosso estado, oferecendo-nos como elementos de composição e/ou inspiração para as mais diversas áreas de atuação do criar e do fazer artístico, entretanto, cabe refletir sobre o por quê deste documento não ter trazido nada sobre a cidade de Dourados.

É neste contexto que, de acordo com a temática ou necessidade do professor/educador em sua atividade e junto com seus alunos, ele possa utilizar destes e outros referenciais trazidos pelos alunos como ponto de partida para desenvolver pesquisas e projetos cada vez mais aprofundados com intuito de produções que visem uma identidade específica e original para a cidade e, conseqüentemente, projeção para Mato Grosso do Sul.

Na questão 5, Que materiais (matéria-prima) existentes em Dourados podem ser usados para produção desse artesanato?, 62% dos alunos responderam, compreendendo: 40% (n=4) erva-mate e argila, 30% (n=3) bambu, 20% (n=2) barro, madeira e areia, e 10% (n=1) cabaça, sementes, penas, chifre de gado, couro, folhas, barbante e material reciclável. No questionário final, 83% dos alunos responderam, mencionando os seguintes materiais: 40% (n=4) argila e palha; 30% (n=3) soja e couro do peixe/peixe; 20% (n=2) sementes, couro e bambu e 10% (n=1) barro, chifre, cabaça, taboa, sapé, osso, madeira, casca da cana-de-açúcar, couro do boi, areia do rio e cor forte da terra de Dourados. Para o professor, podem ser usadas a argila e a fibra natural, sendo que no questionário final citou somente argila.

Uma das razões para a procura do artesanato ser grande é o fato de os consumidores estarem cada vez mais interessados em adquirirem produtos ecologicamente responsáveis. O artesanato ganha espaço nesse nicho por ser um produto com apelo ecológico, utilizando materiais naturais e não destruindo o meio ambiente. O objetivo maior, então, é transformar e incentivar a atividade artesanal num setor econômico viável e auto-sustentável, capaz de propiciar a melhoria das condições de vida dos artesãos e suas famílias, com uma constante preocupação em preservar a cultura e o meio ambiente (SEBRAE, 2004?, p. 32).

As possibilidades em matérias-primas são diversas, conforme a própria diversidade encontrada em Dourados e Grande Região, como as sementes, o couro bovino ou do peixe, chifre bovino, aquapé e taboa, fibras e folhas extraídas das mais diversas espécies de plantas nativas, diversas madeiras, diversos tipos de solo/terra, pigmentos naturais, taboca ou taquara, e a cana de açúcar que começa a ser um potencial para o estado com as usinas de álcool e açúcar.

No artesanato, há uma integração homem/meio ambiente, identificável no próprio estilo de trabalho do artesão. Os materiais utilizados são naturais, mas simultaneamente, há uma grande preocupação para salvar e proteger a natureza, pois se sabe que é dela que se tirará o sustento futuro. Baseando-se nessa conscientização várias comunidades artesanais já possuem movimentos de desenvolvimento sustentável e responsabilidade ecológica. Hoje, já se usa o termo “artesanato ecossustentável” para se referir a esse tipo de trabalho (SEBRAE, 2004?, p. 32-33).

O mais importante nesta questão é saber identificar elementos característicos, próprios do contexto local para dar suporte ao fazer artístico. As questões de sustentabilidade estão em moda, mas aliada aos materiais e com a criatividade humana “preparada”, estes materiais e quem sabe outros, se transformarão na mais viva expressão cultural de Dourados, já que esta identidade está por se concretizar. E cabe destacar que não se encontra nas literaturas mais usuais por educadores em arte ou profissionais da área subsídios referente a Dourados, abre-se aí uma lacuna que deve ser revista, sendo um leque de possíveis pesquisas.

Na questão 6, Como o artesanato pode se tornar profissão e gerar renda?, 62% dos alunos responderam desde que se faça e venda, envolvendo uma renda principal ou extra. Além disso, citaram a dedicação e o carinho como componentes deste processo. No questionário final, as principais respostas (83%) foram: “[...] que seja algo diferenciado e criativo [...]”; “desde que a gente faça com amor e carinho e põe a venda e gera dinheiro”; “[...] e ganhar muito dinheiro”; “com o aperfeiçoamento dos trabalhos e com a união dos

artesãos em associações, por exemplo”. O professor não respondeu o questionário inicial, mas no final citou: “a partir da produção de objetos utilitários”.

Assim como a história já mostrou em diversos períodos, a necessidade da sociedade aliada aos profissionais preparados acabava dando as devidas respostas, desse modo, o artesanato em nosso estado oferece um vasto campo exploratório que dará condições de responder todas as necessidades do desenvolvimento e inclusive as de cunho social.

É preciso acreditar nesse potencial, estudar, pesquisar, experimentar, especializar-se, interagir com as já existentes manifestações e produções, criar, inovar e produzir de forma cultural, política, econômica, ecológica e sustentável. Surge aí o potencial (do Terceiro Grande Momento) para o artesanato, um campo de atuação formadora de profissionais e de geração de renda. O artesanato é de grande importância não só pela geração de renda, mas também no âmbito social, pois desenvolvendo o papel de facilitador da inclusão social.

Assim, é necessário que o artesão tenha acesso a essas ferramentas para que o seu produto possa ser enaltecido no mercado como um produto bem projetado e acabado, possuindo excelência resultante de pesquisas que visem, ao mesmo tempo, inovação estética e cultural, unindo o moderno e o tradicional. Ainda se possível, usar a defesa do meio ambiente como um apelo adicional: “A preservação da natureza enobrece o produto e ganha mercado” (ALMEIDA, 1999, p. 20 *apud* BARAUNA; SILVEIRA, 2006, p. 10) (BARAUNA; SILVEIRA, 2006, p. 9-10).

Um artesanato/artefato que agrega valores culturais e tenha em si uma estética singular é aceito, e atende as necessidades de consumo, principalmente no campo turístico expansivo em todo o país (de poder aquisitivo) o que fortalece cada vez mais sua identidade, surgindo assim a tida aura própria que distingue este dos demais objetos.

Grandes redes de varejo do País, como a Casa & Construção, Pão de Açúcar e Tok Stok estão abrindo suas portas - e prateleiras - para os produtos fabricados por pequenos artesãos. Aos poucos, a tendência ganha força e contribui para a profissionalização e inclusão da categoria nas esferas formais do trabalho. Além disso, valoriza a cultura nacional, resgata tradições e oferece novas perspectivas (SEBRAE, 2004?, p. 17).

Considerações Finais

Ainda há muito por consolidar em nosso Estado e, de modo particular, em Dourados. Portanto, o Educador em Artes deve ficar atento às decorrentes necessidades contemporâneas,

no que diz respeito “do natural e da natureza” para dar respostas rápidas e eficazes diante dos problemas, preferencialmente de maneira criativa, inovadora e, sobretudo cultural, para fortalecer cada vez mais o ensino da arte, e quem sabe como solo fértil, despertar nos alunos pelas atividades teóricas e também práticas, alternativas sustentáveis de prosperidade no “fazer artístico” por intermédio de um artesanato que tenha uma identidade cultural. O artesanato de referência Cultural é de grande importância não só pela geração de renda, mas também no âmbito social, pois desenvolvendo o papel de facilitador da inclusão social, o Educador em Artes, pode através de sua disciplina tornar-se gestor de cidadãos competentes e preparados profissionalmente para um futuro tão presente!

REFERÊNCIAS

BARAUNA, D.; SILVEIRA, J. A interferência do profissional de design na produção artesanal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7., 2006, Curitiba. Disponível em: <<http://www.design.ufpr.br/ped2006/errata/A%20interfer%EAncia%20do%20Profissional%20de%20Design%20na%20Produ%E7%E3o%20Artesanal.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília, DF, 1999.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília, DF, 1997.

PROENÇA, G. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2000.

RICHTER, I. M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SEBRAE. **Estudo exploratório da cadeia produtiva do artesanato no município de Aimorés-MG**. Instituto Terra, Aimorés, MG, 2004?. Disponível em: <http://www.institutoterra.org/doc/05_CADEIA_PRODUTIVA_ARTESANATO.PDF>. Acesso em: 11 out. 2007.

SIGRIST, M. **Chão batido – A cultura popular de Mato Grosso do Sul. Folclore - Tradição**. Campo Grande, UFMS, 2000.

VINACCIA, G. **Elementos de iconografia de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Sebrae/MS, 2002.